



NATAL: VIVÊNCIAS E REPRESENTAÇÕES ATUAIS

1. Enquadramento e operacionalização do estudo

O **Observatório da Solidão do Centro de Investigação e Intervenção Interdisciplinar do IS CET – Instituto Superior de Ciências Empresariais e do Turismo**, tendo presente a importância que assume a quadra natalícia na nossa sociedade entre as várias comunidades e individualmente junto da maioria das pessoas, designadamente no que se refere à promoção de sentimentos, afetos e objetivos que tendem a motivar e condicionar comportamentos e expectativas, considerou importante desenvolver a prospeção e partilha de algumas das vivências assim experimentadas. Tal sobretudo por se constatar generalizadamente que o Natal pretende promover valores éticos implícitos em práticas que, direta ou indiretamente, veiculam e proporcionam a aproximação solidária entre todas as pessoas e grupos.

Ou seja, o Natal veicula, pelo menos aparentemente, no âmago das suas mensagens e comportamentos induzidos, a superação das várias formas e expressões da solidão.

Os resultados que se apresentam no presente estudo resultam da aplicação de um inquérito difundido junto de pessoas de diversas regiões, atividades e escalões etários e setores de atividade de todo o país, não se tendo obtido respostas das regiões autónomas com que, entre 5 e 12 de novembro, se alcançaram 400 respondentes.

Trata-se, pois, de uma amostra significativa ainda que não conclusiva.

2. Resultados

É particularmente interessante a complementaridade admitida por 62% dos inquiridos entre o facto de considerarem que o Natal permanece como uma festa religiosa e o reconhecimento, por mais de 76%, de que é sobretudo uma festa para promover o consumo. É assim que, presumivelmente, entre a azáfama dos presentes, 86% faz o presépio, a árvore de Natal bem como outros ornamentos natalícios, sendo que cerca de 34% faz especificamente o presépio e 32% a árvore, embora apenas 15% participe em iniciativas religiosas. Esta aparente contradição poderá talvez ser explicada por, sem prejuízo do reconhecimento do carácter religioso inerente ao Natal, 60% afirmarem que não professam e, portanto, não praticam a religião cristã.

A vivência e a dimensão social da quadra natalícia ressaltam em dois aspetos distintos mas culturalmente conexos: a circunstância de 94% dos respondentes organizar ou participar em ceias de Natal, sendo que em 99% o faz nas suas casas ou nas de familiares ou amigos e, deste modo, somente 1% em restaurantes, admitindo 80% que o Natal promove a paz e a solidariedade.

Diferenciando por região de Portugal Continental, verifica-se que o carácter religioso do Natal é assumido por 65% dos inquiridos do norte do país, 80% do sul e apenas 58% do centro. Complementarmente, para 69% dos respondentes

do norte e 85% dos habitantes do centro o Natal é igualmente um pretexto para o consumo, constatação que atinge os 100% entre os inquiridos do sul. Ainda em termos de local de habitação, 62% dos que habitam em contexto urbano reconhecem o perfil religioso do Natal, sendo que tal percentagem sobe para 78% entre os habitantes em meios rurais. Se atendermos à escolaridade, ressaltam os seguintes dados: para 75% dos detentores da escolaridade básica, o Natal é uma festa religiosa constatando-se que tal reconhecimento se fica pelos 63% dos inquiridos detentores de uma licenciatura.

2.1. Por referência às idades dos inquiridos:

- 60% dos inquiridos entre os 61 e os 70 anos e 55% dos inquiridos da faixa etária entre os 46 e os 50 anos consideram que o Natal permanece, pelo menos em parte, como uma festa religiosa, percentagem esta que sobe para os 63% nos jovens entre os 19 e os 25 anos.
- Contudo, somente 15% dos respondentes da faixa etária entre os 46 e os 50 anos acede nesta data a uma iniciativa religiosa, subindo esta para 27% entre os mais velhos e baixando para 11% entre os mais novos.
- Em simultâneo, 90% das pessoas entre os 46 e os 50 anos consideram de igual modo que se trata atualmente sobretudo de uma festa para promover o consumo, em contraste com a opinião de 66% dos mais jovens e dos 73% dos mais velhos.
- Cerca de 92%, tanto dos mais velhos como dos mais novos, afirmam participar em ceias, sendo que, destes, aproximadamente 98% o faz em casa de família.
- A árvore de Natal, o presépio e outros ornamentos são promovidos por mais de 80% de todos os inquiridos.
- Em média, cerca de 32% dos respondentes aproveitam também o Natal para fazer férias, prática que aumenta para 45% entre os mais jovens e para mais de 53% entre os mais velhos.
- O Natal, em qualquer das circunstâncias, é vivido com alegria por 65% dos respondentes, percentagem que baixa para 53% nos mais velhos, considerando ainda 75% e 63%, respetivamente, das pessoas entre os 46 e os 50 anos e acima dos 61 ano que promove a paz e a solidariedade, em contraste com 88% dos mais novos.

2.2. Considerando o género dos inquiridos

Por referência às mesmas questões, não se verificam diferenças significativas. Destacam-se, contudo, os seguintes aspetos:

- O Natal é sobretudo uma festa religiosa para 60% das mulheres e 68% dos homens, sendo igualmente um evento para promover o consumo para 77.5% e 73%, respetivamente, das mulheres e dos homens.
- 15% e 17%, respetivamente de mulheres e homens, dizem participar em iniciativas religiosas na quadra do Natal.



- Para 77,5% das mulheres e 73% dos homens o Natal é sobretudo uma festa para promover o consumo.

2.3. Por referência às áreas de residência:

- O Natal permanece como uma festa religiosa para 65%, 58% e 80% dos inquiridos, respetivamente, das áreas norte, centro e sul, sendo também considerado atualmente como um evento para promover o consumo, respetivamente, por 69%, 85% e 100% dos inquiridos destas regiões.

- Dos inquiridos em meios urbanos, mais de 78% considerou importante a valência consumista do Natal, em contraste com 62% dos habitantes em contextos rurais.

- A ceia de Natal foi assumida por 93%, 95% e 80% igualmente das regiões norte centro e sul.

- A maioria dos inquiridos das três áreas geográficas, sempre acima dos 80%, declarou não participar em quaisquer iniciativas religiosas na época do Natal.

É particularmente interessante a complementaridade admitida, em média, por cerca de 64% dos inquiridos entre o facto de considerarem que o Natal permanece como uma festa religiosa e o reconhecimento, por mais de 76%, de que é sobretudo uma festa para promover o consumo. É assim que, presumivelmente, entre a azáfama dos presentes, 86% faz o presépio, a árvore de Natal bem como outros ornamentos natalícios.

2.4. No que respeita à escolaridade e atividade profissional

Para 75% dos detentores da escolaridade básica, o Natal é uma festa religiosa, atingindo igualmente 75% os que o consideram um evento que se caracteriza pelo consumo, constatando-se que o reconhecimento do seu pendor religioso se fica pelos 62% entre os inquiridos detentores com o ensino secundário, os quais acentuam numa percentagem de 71 % o seu perfil consumista, subindo esta última percentagem para 84% pelos detentores de uma formação superior.

O reconhecimento do carácter consumista do Natal representa 84% dos inquiridos que se encontram empregados e 63% dos estudantes.

2.5. No que respeita aos sentimentos experimentados

Acrescente-se que 72% dos respondentes declararam viver a noite de Natal sobretudo com alegria, contra 2% que sentem tristeza, 20% que o vivem de ambas as maneiras e 6% que experimentam indiferença. Todavia, a alegria é sentida por 80% dos mais novos e a tristeza por somente 8 %, em contraste com os mais velhos para os quais apenas 53% vivem o Natal com alegria, embora os sentimentos híbridos de tristeza e alegria cresçam aqui para 33%, com um quase apagamento das vivências dominantes de tristeza.

3. Conclusões



- O Natal continua a ter uma importância pessoal relevante na grande maioria dos portugueses, verificando-se e repercutindo-se nas vivências que marcam o quotidiano desta quadra, muito especialmente através da ceia doméstica e da partilha familiar que suscita a sua comemoração.
- Permanece o simbolismo humanista do Natal nomeadamente pela predominância da convicção de que promove a solidariedade, presume-se, entre as pessoas individualmente e no âmbito das comunidades nacionais e internacionais, sobretudo no que se reporta aos desígnios e ao imaginário da paz.
- A religiosidade desta quadra está indexada ao laicismo contemporâneo da sociedade, a qual não fomenta o exercício efetivo das práticas e rituais religiosos, como será aqui o caso, por exemplo, no que se refere à missa que tradicionalmente celebra o acontecimento que lhe deu origem.
- O mesmo enquadramento social e ideológico poderá explicar a conjugação relativamente harmónica, ainda que potencialmente contraditória, das conceções religiosas que justificam este evento festivo com o reconhecimento do consumismo que, cada vez mais, nutre a sua atratividade e vivência prática.
- Apesar de não exprimirem diferenciações muito vincadas e potenciais incompatibilidades, as destrinças intergeracionais, escolares, geográficas, sentimentais e residenciais apresentam traços de algumas singularidades e variações a serem explicadas por razões culturais e históricas.
- Torna-se evidente que a convivialidade e alegria com que a larga maioria das pessoas usufrui do Natal denota que este, apesar de eventuais recordações mais tristes ou possivelmente pela sua partilha, não gera maioritariamente sentimentos de solidão, salvo no que, neste domínio, revelando mais tristeza, tendencialmente poderá experimentar, apesar da reunião, uma quantidade algo significativa dos mais velhos, sem prejuízo de, assim, a comunhão de sentimentos poder suscitar uma complexa solidão solidária.

IS CET, aos 20 de novembro de 2023

Adalberto Dias de Carvalho